



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA Cinemateca Júnior

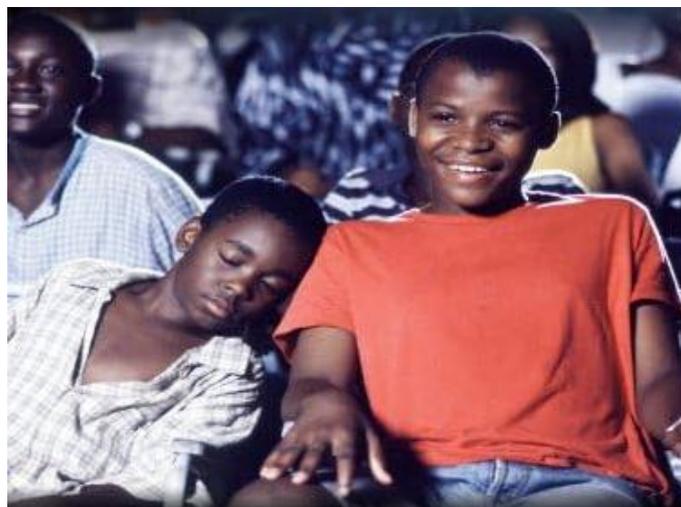
NA CIDADE VAZIA (2004)

de Maria João Ganga

Realização: **Maria João Ganga** / Argumento: **Maria João Ganga** / Fotografia: **Jacques Besse** / Som: **Bertrand Boudaud** / Música: **Manu Dibango; Né Gonçalves** / Montagem: **Pascale Chavance** / Com: **João Roldan, Domingos Fernandes Fonseca, Júlia Botelho, Ana Bustorff** / Produção: **Pandora da Cunha Telles; François Gonot** / Cópia: **digital** / Duração: **90 min** / Estreia mundial: **29 de janeiro 2004** (International Film Festival Rotterdam)

Em complemento, exhibe-se A VISITA, episódio com um teatrinho de fantoches, de um conjunto pioneiro, com propósitos de educação política, realizado por Virgínia Silva para a televisão pública de Angola imediatamente após a independência.

Nota: a única cópia disponível do filme **NA CIDADE VAZIA** infelizmente não é boa, pelo facto as nossas desculpas. A pertinência do título no ciclo "Do Cinema de Estado ao Cinema Fora do Estado: Angola" e na programação dedicada aos adolescentes justifica a sua manutenção.



Angola, 1991, ano de cessar-fogo. Um grupo de crianças órfãs, cujos pais foram vítimas da guerra civil, segue num avião à guarda de uma freira, rumo à capital, Luanda. Uma delas é N'dala, 12 anos, que escapa do grupo, determinado a voltar à sua terra natal, o Bié.

NA CIDADE VAZIA acompanha N'dala numa viagem iniciática e trágica por Luanda. Maria João Ganga, naquela que é a sua primeira longa-metragem e a primeira longa angolana realizada por uma mulher, traça um retrato desencantado de Angola e do sonho revolucionário.

A aventura de N'Dala é posta em diálogo com *As Aventuras de Ngunga*, herói infantil da luta pela independência angolana, criado por Pepetela no seu primeiro romance. Este diálogo com a história exemplar de Ngunga passa despercebido ao espectador estrangeiro. No filme, Ngunga é a criança-soldado que Zé, o amigo de N'dala, representa numa peça escolar, da qual só conhecemos duas

cenas, uma em que o soldado destemido revela a criança que mora em si e outra onde é intimado a render-se para não morrer. Para o espectador angolano, que cresceu com esta narrativa, o contraponto é uma evidência. Ngunga representa a luta e a esperança num país livre e independente, N'dala, é o cicerone do desencanto. Ambos são vítimas da guerra, ambos perdem os pais, mas Ngunga perde-os às mãos do inimigo colonizador, aquele que irá combater e vencer como soldado do MPLA, N'dala é um órfão da guerra-civil (há data um conflito com 16 anos e que se estenderia por mais onze) e nessa guerra todos perdem.

A vagabundagem de N'dala mostra-nos uma Luanda decadente e uma sociedade endurecida pela pobreza e pela guerra. Órfãos há muitos, andam pelas ruas a fazer pela vida, como muitos outros, crianças e adultos, desumanizados pela lei da sobrevivência.

Nesta caminhada pelo avesso do *Pais das Maravilhas*, N'dala mantém a sua pureza infantil. Foge da freira e do futuro orfanato para regressar a casa e ficar mais perto dos pais que vivem agora no céu do Bié, bebe cerveja e fuma cigarros com o amigo Zé no meio de prostitutas e trambiqueiros, mas ainda brinca com carros de lata, e quer ir viver para a praia com um velho pescador, porque lá é mais parecido com o Bié.

NA CIDADE VAZIA não há só desesperança. Como na vida há muitos cambiantes e o destino de N'dala poderia ter sido outro. Quem o conduz a um fim trágico é também quem o ajuda a construir brinquedos, o amigo Zé faz tudo o que pode para o proteger e leva-o ao cinema, a "irmã" Rosinha é dura, mas dá-lhe abrigo, a freira nunca desiste de o procurar e o velho pescador acolhe-o no Bie possível.

O mar acalenta e aquieta N'dala e a Kianda, a sereia que comanda os destinos dos homens, de quem não chega a conhecer a lenda, protege-o da culpa e fá-lo regressar ao céu do Bié e aos pais. Esta é uma das muitas leituras possíveis para um fim brutal. Foi a minha.

Carla Simões